

## O fim da maconha

Os 430 índios Canela (Ramakakamekra) que vivem na beira do rio Santo Estêvão a apenas 74 quilômetros do centro de Barra do Corda (MA), apesar do grande contato com a população da cidade, ainda conservam antigos hábitos da tribo. Mal nasce o sol, eles deixam suas malocas para fazer exercícios de até duas horas em torno da aldeia. Divertem-se em concursos de arco e flecha e nas corridas de toras no rio, e nas cerimônias ainda continuam a fumar maconha como estimulante. Enquanto isso, levam sua vida caçando e plantando mandioca.

Mas desde que um grupo de brancos passou a interessar-se pelo cardápio das cerimônias, os Canela prosperaram. Ganharam dinheiro, rádios de pilha e até a promessa de um Volkswagen, de acordo com o abastecimento que pudessem garantir aos compradores. Uma denúncia da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) levou a Polícia Federal a Barra do Corda e 60 quilos de sementes de maconha foram apreendidos. Como os índios são considerados "irresponsáveis perante a lei", a única medida que ocorreu à FUNAI foi destruir as plantações.

### É tradição

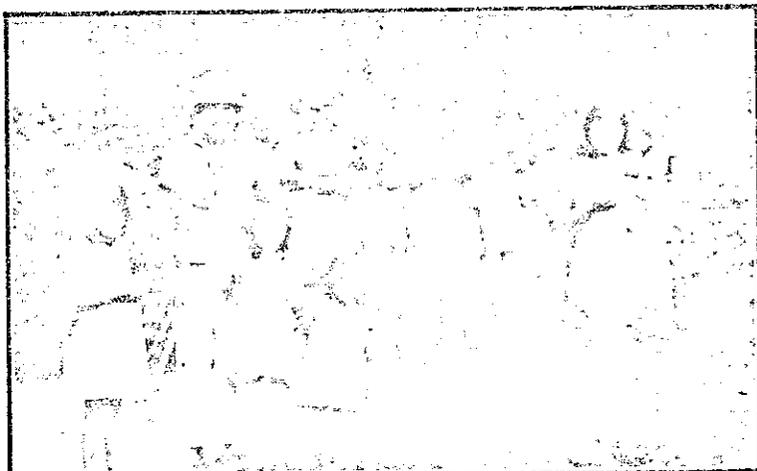
Na semana passada, contudo, a FUNAI informou em Brasília (O Estado de São Paulo, 24-7-73) que respeitaria o hábito e não queimaria a plantação. Reforçando a idéia vinha uma declaração do antropólogo Eduardo Galvão, do Museu Emílio Goeldi, de Belém, informando que os Canela sempre usaram o estimulante em seus rituais.

Nesse comércio, os Canela chegaram até a esquecer antigas rivalidades com os Guajajara, índios que vivem a 30 quilômetros de sua aldeia. As duas tribos, inclusive, já vinham vendendo, como muitos agricultores do município, folhás da erva medicinal jaborandi a uma indústria farmacêutica alemã que tem um escritório em Barra do Corda, a 400 km de São Luís.

O jaborandi dá aos índios maranhenses a possibilidade de sobreviver menos precariamente. Eles são sujos, mulambentos e o contato permanente com caçadores e agricultores emprestou-lhes algumas das mais condenáveis mazelas das cidades. Como poderiam reagir, agora, os índios à oferta de dinheiro em troca de uma inocente erva que floresce em seus quintais?

A população de Barra do Corda trata os Canela e os Guajajara com simpatia, mas também com desconfiança. Chamam os índios de *safados* e, geralmente, os moradores mais antigos têm histórias incríveis para provar isso. Uma delas é que nos dias de feira na cidade os índios mandam uma criança vender um objeto e logo depois aparecem, tomando-o de volta, dizendo que o vendedor não era o legítimo dono.

Só no ano passado a FUNAI demarcou as terras dos Canela mas a falta de limites não impedia que eles defendessem o que era seu de fato. Os caçadores não eram molestados, mas, em caso de conseguirem boa caça, obrigados a dividi-la com os índios,



José Pompeu, chefe Guajajara, nora e netos

que alegavam a propriedade.

No começo do século, os Canela arrumaram uma briga de terras com o fazendeiro Raimundo Arruda e, num gesto que os habitantes de Barra do Corda chamam de "molecagem de índio", ameaçaram raptar as duas filhas do fazendeiro. Recioso, Arruda mandou carregar um cavalo com duas caixas de cachaça e enviou-as para os índios, certo de que eles beberiam tudo. Quando a aldeia festejava a bebedeira, os capangas do fazendeiro chegaram armados de rifles. Um velho morador conta o resto:

— Mataram a metade. O júri em Barra do Corda durou três dias e os 12 assassinos foram absolvidos. Isso foi em 1911.

Hoje, na região de Barra do Corda, há muitas índias prostitutas. Segundo alguns antropólogos, isso é fruto de uma integração malfeita, pois mesmo que a estrada que leve às aldeias seja uma das piores do mundo, há sempre convidados nas festas dos índios. Eles se habituaram a pedir dinheiro, roupas e alimentos, roubar e mesmo cobrar para serem fotografados. A máquina na direção do velho chefe Guajajara José Pompeu, de 60 anos, em maio de 1971, provocou a pergunta:

— É poré, num tem não? Só faz tirar de graça?

O velho chefe ia para Barra do Corda levar a nora e netas para verem seu filho, hospitalizado com uma bala na perna. A camisa de algodão que

José vestia foi presente de um estudante e o burrico em que carregava suas coisas, presente do extinto Serviço de Proteção aos Índios.

— A FUNAI não dá nada pra gente. Só dá conselho.

Certamente, mantida a decisão de queimar as plantações de maconha, a FUNAI vai aconselhar os índios a não venderem aos brancos. Por enquanto, em Brasília, a Polícia Federal espera as implicações do procedimento, esperando que sua Delegacia em São Luís mande o relatório sobre a apreensão das sementes e a prisão dos traficantes. Depois disso, a FUNAI discutirá o assunto com a FUNAI.

Se forem consultados é possível que os índios não entendam por que os brancos destruir as suas plantações de maconha. Segundo o antropólogo Eduardo Galvão o hábito de consumir esse produto é muito antigo entre os índios e não consta que estejam convencidos da necessidade de abandonar esse costume: uma equipe de norte-americanos da Universidade de Flórida desistiu de um estudo que havia programado com os Canela por temer que suas conclusões pudessem atrapalhar as campanhas antitobaco.

A tendência dominante na direção da FUNAI no fim da semana passada era a de permitir que os índios mantenham seus hábitos tradicionais e autorizar a Polícia Federal a destruir a plantação que seja considerada *excedente*. Embora pareça um precedente permitir que os índios prossigam uma prática proibida, lei isso é perfeitamente compreensível em nome dos seus costumes e podem fazer muitas coisas vedadas aos cidadãos — como por exemplo andarem nus.